

“O FOGO ME QUEIMOU,
MAS ME AQUECEU”:
A ECLOSÃO DE UMA
CRISE COMO MOMENTO
DE SUSPENSÃO DA
COTIDIANIDADE E DE
POSSIBILIDADE DE
SUPERACÃO DE SUAS
PRÓPRIAS CAUSAS

“THE FIRE BURNED ME, YET IT WARMED ME”: THE ERUPTION OF A
CRISIS AS A SUSPENSION OF DAILY LIFE AND AN OPPORTUNITY TO
OVERCOME ITS OWN CAUSES

“EL FUEGO ME QUEMÓ, PERO TAMBIÉN ME CALENTÓ”: LA IRRUPCIÓN
DE UNA CRISIS COMO SUSPENSIÓN DE LA VIDA COTIDIANA Y COMO
OPORTUNIDAD DE SUPERAR SUS PROPIAS CAUSAS

RESUMO

Este artigo discorre a respeito da interrupção da vida cotidiana a partir do surgimento de uma crise. Como a eclosão de uma crise, enquanto momento de suspensão da cotidianidade, pode contribuir para a superação de suas próprias causas? Essa pergunta, metamorfoseada em objetivo, instigou o processo de pesquisa bibliográfica para formulação deste texto, que inicialmente aborda o conceito de vida cotidiana na perspectiva dos filósofos húngaros Lukács e Agnes Heller. Apresentam-se as determinações fundamentais do cotidiano, que é apreendido como o espaço das respostas imediatas, da não reflexão e da acriticidade. Considerando tal entendimento, expõe-se a concepção de crise, caracterizada por um estado de transtorno e desorganização com duração delimitada, e modos de intervenção e apoio em meio a esta, contando com o referencial teórico de Maldonado. Posteriormente, procede-se à análise da eclosão de uma crise como um momento de suspensão da cotidianidade, ressaltando-se que, após tais períodos, o indivíduo enquanto tal comporta-se cotidianamente com mais eficácia. A vida cotidiana permanece ineliminável e inultrapassável, mas o sujeito que a ela regressa está modificado. Ao final do estudo, considera-se que a eclosão de uma crise como um momento que rompe, temporariamente, com as determinações da vida cotidiana, contém potência de reflexão e, possivelmente, compreensão e superação de suas próprias causas. Este trabalho visa contribuir para o auxílio no acolhimento a uma crise, bem como na valoração desta, entendendo que a saída da situação de transtorno pode gerar resultados marcadamente positivos e de transformação na vida do(s) sujeito(s) que a experimentou.

Palavras-chave: Crises. Cotidiano. Momentos de suspensão da cotidianidade.

¹ Mestra em Serviço Social (PUC/SP). Assistente Social Judiciária no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (TJSP). Brasil. E-mail para contato: ivelize.ferraz@gmail.com

ABSTRACT

This article discusses the interruption of everyday life arising from the onset of a crisis. How can the outbreak of a crisis, as a moment of suspension of daily routines, contribute to overcoming its own causes? This question, transformed into an objective, guided the process of bibliographic research for the formulation of this text, which initially addresses the concept of everyday life from the perspective of the Hungarian philosophers Lukács and Agnes Heller. The fundamental determinations of everyday life are presented, which is understood as the space of immediate responses, non-reflection, and uncriticality. Considering this understanding, the conception of crisis is exposed, characterized by a state of disturbance and disorganization of limited duration, along with modes of intervention and support within it, relying on the theoretical framework of Maldonado. Subsequently, the analysis focuses on the outbreak of a crisis as a moment of suspension of daily life, emphasizing that, after such periods, the individual behaves in daily life with greater efficacy. Everyday life remains unavoidable and insurmountable, but the subject returning to it is transformed. At the conclusion of the study, it is considered that the outbreak of a crisis, as a moment that temporarily disrupts the determinations of everyday life, holds the potential for reflection and, possibly, for understanding and overcoming its own causes. This work aims to contribute to support in coping with a crisis, as well as to its appreciation, understanding that emerging from a situation of disturbance can generate markedly positive and transformative outcomes in the life of the subject(s) experiencing it.

Keywords: Crisis. Everyday life. Moments of suspension of everyday life.

RESUMEN

Este artículo analiza la interrupción de la vida cotidiana que surge a partir de la aparición de una crisis. ¿Cómo puede el estallido de una crisis, como un momento de suspensión de la rutina diaria, contribuir a la superación de sus propias causas? Esta pregunta, transformada en el objetivo del estudio, guió el proceso de investigación bibliográfica que sustenta este

trabajo, el cual inicialmente aborda el concepto de vida cotidiana desde la perspectiva de los filósofos húngaros Lukács y Agnes Heller. Se presentan las determinaciones fundamentales de la vida cotidiana, entendida como el espacio de respuestas inmediatas, la no reflexión y la acrítica. A la luz de este entendimiento, se expone la concepción de crisis, caracterizada por un estado de trastorno y desorganización de duración limitada, así como los modos de intervención y apoyo disponibles, basándose en el marco teórico de Maldonado. Posteriormente, el análisis considera el estallido de una crisis como un momento de suspensión de la vida cotidiana, enfatizando que, tras tales períodos, los individuos tienden a desenvolverse en la vida diaria con mayor eficacia. La vida cotidiana sigue siendo inevitable e ineludible, pero el sujeto que retorna a ella se encuentra transformado. El estudio concluye que el estallido de una crisis, como una ruptura temporal de las determinaciones de la vida cotidiana, posee un significativo potencial de reflexión y, posiblemente, de comprensión y superación de sus propias causas. Este trabajo busca contribuir a las estrategias de apoyo a las personas durante una crisis, así como a la valoración de la misma, reconociendo que superar una situación de trastorno puede generar resultados profundamente positivos y transformadores en la vida de quienes la experimentan.

Palabras clave: Crisis. Vida cotidiana. Momentos de suspensión de la vida cotidiana.

INTRODUÇÃO

Mais do que, apenas, o resultado da pesquisa, esta breve introdução apresentará o seu caminho. E como uma pesquisa não se autoproduz, este texto apresentará o caminho trilhado por sua autora. Dito isto, peço licença para pronunciar-me na primeira pessoa do singular, enquanto sujeito desse processo.

Como a eclosão de uma crise, enquanto momento de suspensão da cotidianidade, pode contribuir para a superação de suas próprias causas? O artigo aqui apresentado se propôs a oferecer uma resposta a essa indagação.

O interesse pela temática da vida cotidiana surgiu em 2014, quando abordei em meu TCC da graduação em Serviço Social alguns aspectos das determinações da cotidianidade em relação ao trabalho profissional de assistentes sociais. Aprofundei o assunto em algumas disciplinas quando cursei o Mestrado em Serviço Social, resultando em dois artigos apresentados nos Encontros Nacional de Pesquisadores em Serviço Social nos anos de 2016 e 2018.

Na pós-graduação em “Capelania e Aconselhamento”, ao cursar a disciplina “Aconselhamento Familiar e Conflitos”, identifiquei a oportunidade de estudar a eclosão das crises, assunto amplamente abordado pela matéria, como momentos de suspensão da cotidianidade. Crises são situações que fogem ao nosso controle, tirando-nos de nossos movimentos cotidianos, configurando-se enquanto períodos de suspensão, reflexão e buscas por novas respostas, trazendo em si a possibilidade de superação de suas próprias causas.

Assim, com vistas a responder a indagação acima, este artigo está organizado em três partes. A primeira versa sobre a vida cotidiana, percorrendo especificamente quanto às suas determinações e a respeito dos momentos de suspensão que, de acordo com Lukács, são propiciados por meio do trabalho criador, da arte e da ciência. Essas formas de objetivação não suprimem a cotidianidade, mas a suspendem por determinado tempo.

A partir destas considerações, propõe-se que a eclosão de uma crise se configura enquanto momento de suspensão da cotidianidade. A segunda parte do trabalho aborda o conceito de crise e modos de intervenção e apoio em meio a esta, tendo como principal referencial teórico a produção de Maldonado, que apresenta o assunto com viés sistêmico. O autor destaca que uma pessoa nunca sai de uma crise na mesma condição em que entrou, pontuando que a forma como se lida com a situação pode proporcionar crescimento e saúde ou ocasionar estagnação e doença.

Por fim, discorre-se a respeito da eclosão de uma crise como possibilidade de sua própria superação, argumentando relativamente à transformação do sujeito e de seu comportamento após esse momento de suspensão da vida cotidiana. As crises são aqui valoradas numa perspectiva de oportunidade, haja vista que a reflexão ocasionada pela interrupção da cotidianidade, quando acompanhada de intervenção pastoral e/ou profissional oportuna e adequada, contribui para este caminho.

Espera-se, com a produção deste artigo, oferecer contribuição teórica ao debate acadêmico, ao dialogar com autores clássicos e contemporâneos, ampliando a compreensão do conceito de cotidiano e dos processos de crise, bem como fornecer subsídios no âmbito das práticas de acolhimento, intervenção e aconselhamento, em contextos de sofrimento individual ou coletivo, entendendo que a saída da crise pode gerar resultados marcadamente positivos e de transformação na vida do(s) sujeito(s) que a experimentou.

1. VIDA COTIDIANA

Para versar a respeito da cotidianidade, apresenta-se a reflexão central acerca da temática presente nos estudos de Lukács, em específico no Volume I de sua obra “Estética”, e Heller, estudiosa e discípula do pensamento lukacsiano, sobretudo em sua obra “O cotidiano e a história”. Como referencial teórico, são utilizados, ainda, o aporte de intelectuais do Serviço Social, em especial Netto e Guerra.

Com base nos estudos de Lukács, pode-se afirmar que não há sociedade sem cotidianidade, tampouco homem sem vida cotidiana. Para ele, é o “homem inteiro” que está na cotidianidade e nela intervém. Contudo, a impossibilidade de eliminação da vida cotidiana não lhe confere cunho meta-histórico: “se em toda sociedade existe e se põe a cotidianidade,

em cada uma delas a estrutura da vida cotidiana é distinta quanto ao seu âmbito, aos seus ritmos e regularidades e aos comportamentos diferenciados dos sujeitos coletivos [...] em face da cotidianidade” (Netto, 2007, p. 67). Assim, a compreensão do cotidiano depende da compreensão da própria história e da historicidade dos processos e fenômenos, pois a “vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico” (Heller, 2008, p. 19).

Entende-se que o cotidiano, espaço ineliminável e insuprimível, é parte constitutiva – e central – do acontecer histórico, porquanto é na vida cotidiana que ocorre a reprodução social, quando da reprodução dos indivíduos enquanto tais. As grandes ações empreendidas pelos seres humanos e que marcam a história partem da vida cotidiana e a ela retornam, tornando-se históricas mediante os seus efeitos no dia a dia. De acordo com Lukács (1966):

El comportamiento cotidiano del hombre es comienzo y final al mismo tiempo de toda actividad humana. Si nos representamos la cotidianidad como un gran río, puede decirse que de él se desprenden, en formas superiores de recepción y reproducción de la realidad, la ciencia y el arte, se ‘diferencian, se constituyen de acuerdo con sus finalidades específicas, alcanzan su forma pura en esa especificidad — que nace de las necesidades de la vida social — para luego, a consecuencia de sus efectos, de su influencia en la vida de los hombres, desembocar de nuevo en la corriente de la vida cotidiana. Ésta se enriquece pues constantemente con los supremos resultados del espíritu humano, los asimila a sus cotidianas necesidades prácticas y así da luego lugar, como cuestiones y como exigencias, a nuevas ramificaciones de las formas superiores de objetivación (p. 11-12).

Agnes Heller explicita que a vida cotidiana é a vida de todo homem. Em suas palavras,

a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua

personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade (2008, p. 31).

A reflexão de Heller evidencia a complexidade intrínseca do cotidiano, na medida em que mobiliza todas as dimensões da individualidade humana, sem permitir, entretanto, que nenhuma delas se manifeste em sua totalidade. Para aprofundamento do exposto, faz-se necessário dissertar quanto às configurações da vida cotidiana.

1.1 AS DETERMINAÇÕES DA COTIDIANIDADE

Para Lukács e Heller, apresentam-se como determinações fundamentais da cotidianidade: a heterogeneidade, a imediatez e a superficialidade extensiva.

A vida cotidiana traz em suas configurações a heterogeneidade na medida em que apresenta situações e processos de naturezas diversas, tais como trabalho, vida política e vida privada, que exigem elevada atenção por parte do sujeito. Esta diversidade faz com que o sujeito realize escolhas ordenando espontaneamente as diversas situações de sua vida de forma hierarquizada, ou seja, valorando o que tem mais ou menos importância em cada momento histórico e em relação aos processos históricos da sociedade de seu tempo. “A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos

tipos de atividade” (Heller, 2008, p. 18). Assim, tal heterogeneidade revela outro aspecto da vida cotidiana a ela imbricado: a ordem hierárquica.

A imediaticidade diz respeito ao caráter mecânico do cotidiano enquanto espaço da ação, o que significa a necessidade de fornecer respostas imediatas frente a determinadas situações, ocasionando a relação direta entre pensamento e ação, fornecendo ao cotidiano características de acriticidade e não reflexão, dada a necessidade de respostas de prontidão às situações espontâneas. Tal determinação, portanto, está diretamente relacionada a outro aspecto da cotidianidade: a espontaneidade.

A espontaneidade é a característica através da qual os sujeitos apreendem os costumes e os modos de comportamento da sociedade de maneira espontânea e naturalizada. Por meio dela, ainda, são realizadas uma fração de atividades cotidianas imprescindíveis à produção e à reprodução da vida humana, que não seriam passíveis de realização caso houvesse uma reflexão acerca do conteúdo de cada uma delas.

Por fim, a superficialidade extensiva reporta-se ao fato da vida cotidiana demandar aos sujeitos a mobilização de todas as suas atenções e de todas as suas forças, mas não toda a sua atenção e toda a sua força. Assim, os sujeitos acabam por dar respostas superficiais às demandas do cotidiano, “dado que a prioridade da vida cotidiana está em responder aos fenômenos na sua extensão e amplitude e não na sua intensidade [...]” (Guerra, 2012, p. 45).

A essas determinações fundamentais da cotidianidade, somam-se outras características presentes na estrutura da vida cotidiana, demarcadas por Heller (2008), a saber: a ultrageneralização, a analogia, o uso de precedentes e a imitação.

No que se refere à ultrageneralização, a autora pontua que “os juízos ultrageneralizadores são todos eles juízos provisórios que a prática confirma ou, pelo menos, não refuta, durante o tempo em que, baseados neles, formos capazes de atuar e de nos orientar” (2008, p. 53). Sem estes

juízos provisórios, um exaustivo esforço de reflexão seria necessário para toda e qualquer ação a ser desempenhada no dia a dia, tendo em vista a unidade imediata de pensamento e ação exigida pela vida cotidiana. Considerando o funcionamento da dinâmica social, basear-se em conceitos momentaneamente pré-moldados é algo útil ao próprio desenvolvimento da vida.

Relacionada aos juízos provisórios, visando garantir a orientação, a vida cotidiana recorre à analogia, a partir da classificação do conhecimento de um novo aspecto da realidade em uma tipificação previamente experimentada, revelando a repetição de um procedimento já adotado em determinado contexto em uma nova situação semelhante à original, o que nos remete à ideia de imitação.

A imitação é um elemento que configura a cotidianidade, tendo em vista que as ações dos sujeitos, quando da assimilação do sistema consuetudinário, ocorrem por meio da mimese, sem a qual o trabalho e o intercâmbio não seriam possíveis. A imitação se faz presente no primeiro momento de apropriação das relações sociais, na sua superficialidade e espontaneidade.

Assim, entende-se que o cotidiano é o espaço das respostas imediatas, da não reflexão, da acriticidade e da alienação. Desta maneira, na cotidianidade, não é possível concentrar todas as energias em cada decisão. Conforme explicitado por Netto (2007),

Os constrangimentos da dinâmica cotidiana exigem que os indivíduos respondam a eles sem pôr em causa a sua objetividade material – mesmo o solipsista mais extremo, atravessando uma avenida, estuga o passo para escapar de um veículo, sem questionar a natureza da sua representação mental. A mesma dinâmica requisita dos indivíduos respostas funcionais às situações, que não demandam o seu conhecimento interno, mas tão-somente a manipulação de variáveis para a consecução de resultados eficazes – o que conta não é a reprodução veraz do processo que leva a um desfecho pretendido, porém o desfe-

cho em si; no plano da cotidianidade, o critério da utilidade confunde-se com o da verdade (p. 68).

Tais constrangimentos levam o sujeito a se perceber, apenas, enquanto ser singular. Contudo, “o indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico” (Heller, 2008, p. 34). A singularidade se expressa na vida cotidiana a partir do eu: é o eu que sente, que deseja, que tem necessidades e que executa ações na realidade. Mesmo que as determinações da cotidianidade façam com que os sujeitos se percebam, somente, em sua singularidade, sem aludir ao seu pertencimento ao humano-genérico, nele está presente a possibilidade, através da relação com o outro, do reconhecimento do nós.

1,2 MOMENTOS DE SUSPENSÃO DA COTIDIANIDADE

O acesso à consciência humano-genérica se realiza por meio do processo de homogeneização, que ocorre quando o sujeito suspende a heterogeneidade da cotidianidade e se instaura como particularidade, espaço de mediação entre o singular e o universal. O sujeito se reconhece como portador da consciência humano-genérica quando transcende a sua singularidade, por meio da objetivação de um projeto “no qual joga não todas as suas forças, mas toda sua força numa objetivação duradoura (menos instrumental, menos imediata)” (Netto, 2007, p. 69).

Netto, citando Lukács, afirma existir três formas privilegiadas desse tipo de objetivação, que se configuram enquanto processos homogeneizadores de suspensão da cotidianidade, quais sejam: o trabalho criador, a arte e a ciência, que rompem com a tendência orientada ao eu do pensamento cotidiano. Essas formas de objetivação não suprimem a cotidianidade, mas a suspende por determinado período. Visto que não podem ser contínuas,

estabelecem um circuito de retorno à cotidianidade. Ao efetuar este retorno, o indivíduo enquanto tal comporta-se cotidianamente com mais eficácia e, ao mesmo tempo, percebe a cotidianidade diferencialmente: pode concebê-la como espaço compulsório de humanização (de enriquecimento e ampliação do ser social). Está contida aqui, nitidamente, uma dialética de tensões: o retorno à cotidianidade após uma suspensão [...] supõe a alternativa de um indivíduo mais refinado, educado [...]; a vida cotidiana permanece ineliminável e inultrapassável, mas o sujeito que a ela regressa está modificado (Netto, 2007, p. 70-71).

O que significa homogeneização? Significa, por um lado, que concentramos toda nossa atenção sobre uma única questão e “suspenderemos” qualquer outra atividade durante a execução da anterior tarefa; e, por outro lado, que empregamos nossa inteira individualidade humana na resolução dessa tarefa.

Apresentada aqui a discussão ontológica no tocante à cotidianidade, procederemos às considerações referentes ao momento de eclosão de uma crise como a suspensão do cotidiano.

2. A ECLOSÃO DE UMA CRISE COMO MOMENTO DE SUSPENSÃO DA COTIDIANIDADE

Considerando as crises como situações que fogem ao nosso controle, estas podem se configurar enquanto momentos de reflexão e buscas por novas respostas. Procederemos, então, a uma conceituação a respeito das crises.

2.1 O QUE SÃO AS CRISES?

De acordo com Maldonado (2005), as crises são um estado temporal de transtorno e desorganização, com duração limitada de alguns poucos dias até, no máximo, oito semanas, caracterizadas principalmente por dois aspectos:

- > uma incapacidade do indivíduo ou da família para resolver problemas usando métodos e estratégias costumeiras e
- > um potencial para gerar resultados radicalmente positivos ou radicalmente negativos (p. 10).

Ainda segundo o autor, no que diz respeito à definição das crises:

Uma crise é uma ruptura no interior de relações que exige uma busca de novas formas de funcionamento, melhor adaptadas à nova situação por ela criada. Em consequência disso, as crises produzem situações paradoxais: por um lado ameaçam a estabilidade do sistema e, por outro, apresentam a oportunidade para que o sistema mude. No idioma chinês, com razão, a palavra crise é composta por dois anagramas: um que simboliza “perigo” ou “risco”, e o outro que significa “oportunidade” ou “sorte” (2005, p. 10).

De acordo com Sá, Werlang e Paranhos (2008), o fracasso na resolução de problemas a partir dos meios que o indivíduo costuma utilizar, causa sentimentos de desorganização, desesperança, tristeza, confusão e pânico.

Cabe demarcar que todas as pessoas enfrentam problemas, sem que, necessariamente, estas ocasionem uma crise. Importa diferenciar o fator estressante (tensão, ameaça, perda, tragédia) da crise em si (vulnerabilidade, ansiedade, perda do controle, desesperança), pois “vivenciar uma crise consiste na combinação de significados, ideias, sentimentos e processos (conscientes e inconscientes) que ultrapassam

a capacidade que uma pessoa ou família têm para lidar com uma situação em um determinado momento” (Maldonado, 2005, p. 12).

Vivenciar uma crise é uma experiência normal de vida. Há situações típicas da vida humana que são frequentemente causadoras de desequilíbrios e potencialmente geradoras de crises. Schettini Filho afirma que “o crescimento e o desenvolvimento humano provocam, necessariamente, mudanças, que não dispensam episódios de crise” (2006, p. 99).

Maldonado (2005), em um viés sistêmico, classifica as crises em quatro grupos:

1. Circunstanciais: causadas por circunstâncias, adversidades, acontecimentos inesperados e, por vezes, imprevisíveis, como uma guerra, um acidente, um terremoto.
2. De desenvolvimento: relacionadas aos processos de mudanças tidos como normais para as pessoas e famílias, tais como o advento da adolescência e do início da vida adulta.
3. Estruturais: episódios críticos profundamente arraigados e que, por vezes, decorrem de crises anteriores mal resolvidas e não elaboradas psicologicamente, podendo ser citado como exemplo uma família com um ou mais membros em uso abusivo de álcool ou de outras substâncias psicoativas. Há uma relação cíclica entre os episódios de crise.
4. De desvalia: relacionadas às necessidades de cuidado e atenção especial da família para com um de seus membros, como nos casos de doenças crônicas ou envelhecimento acelerado que cause dependência.

A perspectiva adotada neste trabalho está em consonância com os autores citados ao afirmar que o processo de crise deve ser entendido não como algo intrinsecamente negativo, mas como um momento que

pode ser positivo, como oportunidade e desencadeador de mudanças, apontando para um funcionamento melhor do que o anterior ao evento estressante. Contudo, para uma saída positiva da crise, ressalta-se a importância da intervenção oportuna e adequada.

2.2 INTERVENÇÃO EM MEIO À CRISE

A argumentação construída neste artigo consiste em afirmar a possibilidade de uma saída positiva da situação de crise. Para tanto, uma intervenção adequada e oportuna por uma pessoa capacitada é de extrema importância, embora não assegure por si resultados marcadamente positivos. Cabe pontuar que a intervenção de um conselheiro, por exemplo, é apenas um elemento na complexa cadeia existencial das pessoas e é a elas, aos sujeitos que vivenciam as crises, que compete a mudança.

O papel de um conselheiro, nos momentos de crise, é o de auxiliar, direcionar e facilitar. Apresenta-se, de maneira sucinta, um modelo de intervenção em crises familiares em sete passos, conforme proposto por Maldonado (2005):

1. Atender à emergência: a emergência pode ser o fator desencadeante da crise.
2. Comprometer a família com a resolução da crise e com a mudança no padrão de equilíbrio anterior.
3. Definir a crise: investigar a “natureza” da crise, a classificação desse fenômeno.
4. Oferecer uma orientação geral e um direcionamento comum à família.
5. Oferecer orientações e sugestões específicas para cada membro da família.

6. Negociação das resistências familiares, o que geralmente demanda atenção profissional especializada (encaminhamento para intervenção psicoterapêutica).
7. Finalizar o processo de intervenção, entendendo que o conselheiro não é responsável pela solução de todos os problemas da vida da pessoa ou da família, mas, sim, por prestar auxílio temporário na superação de um evento que causou desequilíbrio e ameaçou a estrutura e a funcionalidade da família.

Ainda no que tange à atuação do conselheiro, Collins (2004) recomenda atenção total e percepção aguçada para observar e compreender mensagens não verbais. A escuta qualificada deve ser buscada por aquele que manifesta interesse em aconselhar, sabendo que o conselho útil e produtivo decorre da capacidade de ouvir e elaborar o que ouviu. O autor pontua a necessidade de filtrar o que foi dito pelo indivíduo em crise, categorizando e questionando suas falas, pois o discurso não é neutro.

Nas palavras de Maldonado (2005),

Um conselheiro ou facilitador pastoral — clérigo ou leigo — acompanha uma pessoa, casal ou família em crise ajudando-lhes a suportar o evento traumático e a processá-lo, de modo que os possíveis efeitos negativos diminuam e as probabilidades de desenvolvimento pessoal e familiar aumentem (p. 06-07).

Para além de uma ajuda pontual em momentos de crise, o conselheiro deve ter como objetivo do seu trabalho a construção da autonomia do aconselhando, de modo a evitar a dependência, e criar mecanismos e instrumentos para lidar com as crises e os dilemas futuros.

Pode-se afirmar que, para o conselheiro, o momento do aconselhamento também se configura como uma suspensão da vida cotidiana, levando em conta exigir a inteireza e a mobilização deste no processo.

2.3. CRISES COMO MOMENTOS DE SUSPENSÃO DA COTIDIANIDADE

Tendo já discorrido acerca da vida cotidiana e suas determinações, bem como abordado o conceito de crises e apresentado um modelo de intervenção, cabe, agora, versar sobre as crises enquanto momentos de suspensão da cotidianidade.

Considerando as crises como situações que fogem ao nosso controle, tirando-nos de nossos movimentos cotidianos, estas podem se configurar enquanto momentos de suspensão, reflexão e buscas por novas respostas. Ao falar da estrutura da vida cotidiana, citamos a analogia e a imitação, que consistem na repetição de um procedimento já adotado em determinado contexto em uma nova situação semelhante à original. Em contextos de crise, recorrer ao uso de precedentes não é possível, pois é exatamente a impossibilidade de resolver um problema a partir de métodos já adotados que configura uma crise. Ora, se o fator estressante desencadeasse uma situação que pudesse ser resolvida pelo sujeito a partir de estratégias conhecidas, não haveria uma crise.

Assim, a crise, por sua própria essência, rompe temporariamente com a estrutura da vida cotidiana, provocando um processo forçado de homogeneização que demanda a concentração total do indivíduo sobre uma única questão, suspendendo qualquer outra atividade. Isso não significa, contudo, que o indivíduo renunciará a todas as suas funções e atividades durante o período de crise, mas que sua atenção estará focada nesta, em um processo reflexivo, para que a crise seja vista como uma oportunidade que traz em si a possibilidade de superação de suas próprias causas.

Como visto, a vida cotidiana demanda aos sujeitos a mobilização de todas as suas atenções e de todas as suas forças, mas não toda a sua atenção e toda a sua força. Assim, os sujeitos acabam por dar respostas superficiais às demandas do cotidiano, sem tecer considerações ou

observações críticas relativas às situações vivenciadas. Essas situações, até então negligenciadas pela própria estrutura da vida cotidiana, podem desencadear crises, que obrigam o sujeito a suspender a cotidianidade.

Nesse momento, é importante a atuação de um conselheiro e/ou profissional qualificado, com vistas a auxiliar no processo reflexivo, orientando e direcionando para que a crise seja, de fato, uma oportunidade para mudanças positivas.

3. A ECLOSÃO DE UMA CRISE COMO POSSIBILIDADE DE SUA PRÓPRIA SUPERAÇÃO

Na última parte deste trabalho, abordaremos a possível transformação operada no sujeito após um momento de suspensão da cotidianidade.

A crise traz em si a possibilidade de sua própria superação ao romper com a estrutura da vida cotidiana, provocando um processo reflexivo que não é possível em outras circunstâncias. Enquanto não vem à tona, os possíveis fatores desencadeantes de uma crise, sobretudo das crises estruturais, vão sendo absorvidos acriticamente em meio às demandas da vida cotidiana. Ao ocorrer um impacto, uma emergência, um fator estressante que desencadeia uma crise, surge uma oportunidade para que questões negligenciadas sejam abordadas com seriedade, atenção e comprometimento.

Parada (*apud* Sá, Werlang e Paranhos, 2008) afirma que, quando a resolução da crise ocorre de forma adaptativa, surgem três oportunidades: a de dominar a situação atual, a de elaborar conflitos passados e a de apreender estratégias para o futuro.

3.1. TRANSFORMAÇÃO DO SUJEITO APÓS A ECLOSÃO DE UMA CRISE

Netto (2007) assevera que o indivíduo que retorna à cotidianidade após uma suspensão está modificado. Pode-se afirmar que, após uma crise, o sujeito adquire novas habilidades para a resolução de problemas e que estas poderão ser úteis no manejo de situações posteriores.

Concordando com o entendimento de que a crise pode se manifestar como uma oportunidade, Erikson (1976) a definia como um ponto crítico necessário ao desenvolvimento, capaz de direcionar o indivíduo a encaminhar seus recursos para o próprio crescimento e recuperação.

Segundo Schulz (2009),

As crises são os vendavais que destroem as certezas do ser humano juntamente com seus planos; as crises chegam inesperadamente, provocam surpresas, desacomodando sonhos e as irregularidades que imaginamos viver. Elas expõem o fracasso de uma visão racional da vida. Apesar disso as crises despertam forças surpreendentes em nós – elas nos desafiam a criar uma nova maneira de viver. Elas funcionam como uma peneira que ajuda a discernir o que importa. Elas confrontam nossas crenças e rotinas. Se aceitarmos esse desafio, podemos nos libertar de estereótipos, do rotineiro; quando não aceitamos esse tempo de reflexão criamos tabus e silêncio que levam à estagnação da vida (p. 56-57).

O trecho citado destaca a importância de acolher as crises como um momento de libertação do comportamento rotineiro e tempo de reflexão, indo ao encontro do que foi proposto neste trabalho.

Levando em conta que as ações empreendidas pelos seres humanos partem da vida cotidiana e a ela retornam, pode-se concluir que as crises gestadas na cotidianidade, quando eclodem provocando um momento de suspensão, geram efeitos na vida dos sujeitos envolvidos que terão repercussão na vida cotidiana.

Um sujeito nunca sai da crise da mesma forma que entrou. A mobilização de sua força e a inteireza exigida no processo de superação da crise operam mudanças na vida do indivíduo, que retornará à cotidianidade com novas habilidades e aprendizados para situações futuras.

Em Eclesiastes 7:14, encontramos o seguinte conselho: “Quando os dias forem bons, aproveite-os bem; mas, quando forem ruins, considere: Deus fez tanto um quanto o outro [...]” (Bíblia, 2003). Em consonância com esse versículo, a proposta deste estudo é convidar o sujeito a considerar o dia ruim, as crises, como uma oportunidade para refletir e para alinhamento de desejos, sentimentos e emoções. A desordem causada pela crise pode estagnar, mas também pode ser positiva quando direcionada para mudança de hábitos e padrões, colaborando para a superação de suas próprias causas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] Por sobre a estrada anoiteceu e amanheceu
E eu vi que os dias mais sombrios também são Teus
O homem que eu parti de casa se perdeu
E a caminhada fabricou um novo eu
O fogo me queimou, mas me aqueceu
A luz que me cegou me fez ver Deus
Minha alma se fartou sem água e pão
A mãe da esperança é a provação
(A Partida e o Norte – Estevão Queiroga)

O caminho percorrido ao longo deste estudo teve como ponto de partida a indagação: a eclosão de uma crise, enquanto momento de suspensão da cotidianidade, pode contribuir para a superação de suas próprias causas? Tendo como subsídio o aporte teórico elaborado, pode-se

conceder uma resposta afirmativa a esta questão: as crises, ao romperem temporariamente com nossos movimentos cotidianos, podem ser valoradas como oportunidades para reflexão e mudanças, cooperando para a superação de suas próprias causas, até então negligenciadas no decorrer da vida cotidiana.

Ao discorrer sobre a estrutura ontológica do cotidiano, tornou-se evidente que este é o espaço das respostas imediatas, da não reflexão, da acriticidade e da alienação. Desta maneira, na cotidianidade, o sujeito se comporta de modo a não perceber indícios de eventos estressantes e potenciais causadores de crises, sobretudo das estruturais.

A vida cotidiana é ineliminável e insuprimível, podendo, apenas, ser suspensa por um curto período. Após esse momento de suspensão, o sujeito retorna e introduz na vida cotidiana os aprendizados adquiridos e/ou construídos durante esse intervalo.

Entendendo que a eclosão das crises se configura enquanto momento de suspensão da cotidianidade, destaca-se que estas produzem situações paradoxais ao ameaçarem a estabilidade do sistema por um lado e, simultaneamente, apresentarem a oportunidade para que o sistema mude. Neste estudo, foi adotada a perspectiva de uma saída qualificada da crise, pontuando a importância da intervenção oportuna e da reflexão proporcionada pela interrupção da cotidianidade.

A música “A Partida e o Norte”, escrita por Estevão Queiroga, serve como epígrafe a estas considerações finais por retratar de maneira primorosa os sentimentos causados por uma crise. Embora seja um processo difícil e doloroso, marcado por vulnerabilidade, ansiedade, perda do controle e desesperança, uma crise pode ser uma oportunidade para mudanças e o sujeito que por meio dela se forma não será o mesmo que nela entrou. As crises, como um momento de suspensão da cotidianidade, “fabricam” um novo sujeito, com novos recursos e habilidades para se comportar com mais eficácia e eficiência na vida cotidiana.

O surgimento de uma crise, enquanto suspensão temporária da vida cotidiana, oferece oportunidade para reflexão, aprendizado e transformação do sujeito. Ao interromper padrões automáticos e acríticos, a crise permite perceber aspectos negligenciados da vida cotidiana, promovendo o desenvolvimento de novos recursos e habilidades.

Nos âmbitos de acolhimento e aconselhamento em contextos de sofrimento individual ou coletivo, este artigo busca fornecer subsídios teóricos, ao dialogar com autores clássicos e contemporâneos, e práticos, ao propor intervenções. Espera-se que a produção contribua para o auxílio no atendimento a uma crise, entendendo que a saída da situação de transtorno pode gerar resultados marcadamente positivos e de transformação na vida do(s) sujeito(s) que a experimentou.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo NVI**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2003.

COLLINS, Gary. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. São Paulo: Vida nova, 2004.

ERIKSON, Erik. **Infância e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GUERRA, Yolanda. A dimensão técnico-operativa do exercício profissional. In: SANTOS, Cláudia Mônica do; BACKX, Sheila; GUERRA, Yolanda (Organizadoras). **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos**. – Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história** / Agnes Heller; tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. – São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LUKÁCS, Georg. I. **La Peculiaridad de lo Estético**. Traducción castellana de Manuel Sacristán. Ediciones Grijalbo, s. a. Barcelona - México, D.F. 1966.

MALDONADO, Jorge. **Crises e perdas na família: consolando os que sofrem**. Viçosa: Ultimato, 2005.

NETTO, José Paulo. Para a crítica da vida cotidiana. In: **Cotidiano: conhecimento e crítica** / Maria do Carmo Brant de Carvalho, José Paulo Netto. - 7. ed. - São Paulo, Cortez, 2007.

PARADA, E. (2004). **Psicologia Comportamental Aplicada al Socorrismo Profesional**. Primeros Auxilios Psicologicos. Recuperado em 02 de janeiro de 2008 do site Escuela Segoviana de Socorrismo: <http://members.fortunecity.es/esss1/Jornadas97ParadaE.htm>

SÁ, Samantha Dubugras; WERLANG, Blanca Susana Guevara; PARANHOS, Mariana Esteves. **Intervenção em crise**. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas [on-line], v. 4, n. 1, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872008000100008&script=sci_abstract. Acesso em: 03 mar. 2023.

SCHETTINI FILHO, Luiz. Uma psicologia da adoção. In: Schettini Filho, Luiz; Schettini, Suzana Sofia Moeller (Orgs.). **Adoção: os vários lados dessa história**. Recife: Bagaço, 2006.

SCHULZ, Carmita. **Aconselhamento pastoral em meio a crises de doença e morte**. 2009.120 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2009.